

# O ÚLTIMO TOQUE

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]



Duas mãos, o último toque antes da queda. Vi, no teto da Capela Sistina, a humanidade cair, abriu-se uma fissura no céu teológico, o humano olhou pelas frestas. Desajeitado com o desconhecido, escorregou na falha que rapidamente se alargava. Em prantos, segurou nas bordas do solo mítico, pediu ajuda a Deus. Adão estende sua mão em gesto de súplica, Deus segura-o, mas resolve soltá-lo ao infinito cósmico. A criação de Adão, pintura de Michelangelo, não faz alusão ao toque do criador e criatura, é a queda, a cisão e a despedida. Começa a aventura da modernidade.

No chão, o Adão moderno criou sua religião, a ciência. Devotou sua fé à razão. A utopia tornara o sonho que via o futuro. A nova religião levantou-se contra as gerações de pensamento mítico, voltou as costas ao mundo dos sentidos, ou seja, o mundo que vemos e cheiramos. A ilusão estaria no campo das sensações. O real estaria nas propriedades físico-matemáticas, que seriam descobertas pelo intelecto e que contradizem os sentidos. Perdia-se o medo.

A modernidade gera, no seu útero, a crítica. Ela é a sua própria crítica.

A técnica foi a lança usada pelo humano no seu permanente parricídio mítico. Os pintores renascentistas representavam Deus à imagem e semelhança do humano. A técnica é o Deus de prótese. Entendia-se que o desconhecido era imensamente maior do que o conhecido, o mundo começaria a ser nomeado pela boca do científico. Taxonomias, classes, grupos e conjuntos seriam os recursos para ordenar o caos, haveria uma ordem cósmica e matemática oculta. Agora, o mundo profano caberia na boca do humano.

A ciência prometeica roubara o fogo dos mitos e nos entregou. A quimera da liberdade clarividente fez homens, de olhos arregalados, sonharem com o novo. Fraternidade, Igualdade e Liberdade. Vejam, o futuro é o jardim da justiça social.

Bebam a queda bastilha. Os humanos tocaram com os olhos os astros distantes e organismos invisíveis.

A ciência, alcunhada nas engenharias, química e astronomia, transfez o invisível em visível. A alma emancipatória risca retas pelos continentes, inventa cubos mágicos, represa a água e ordena a eletricidade. Enfim, a utopia da emancipação humana tomava forma como pensara Bacon, em Nova Atlântida. O dedo humano tocou a máquina.

A gargalhada lucro, o chicote eugenista da escravidão e os impérios coloniais demonstravam que a ciência transpunha Prometeu e encarnava em Fausto. Mefistófeles apostou com Deus e disse: o Homem cai em desgraça quando deseja.

Dr. Fausto foi tocado pelos dedos de Mefistófeles. O diabo da lenda germânica é o capital, do século XVIII, incorporado nos sussurros do vendedor de sonhos, aventuras, glórias e riqueza.

Fausto, o pequeno burguês urbano, amante da ciência e das experiências alquímicas, faria qualquer coisa pelo lucro.

Tornou-se devoto de si. Perdeu a ingenuidade e a possibilidade do amor de Margarida. Caiu em desgraça.

Ensandecido, Fausto isola-se no laboratório e deseja criar o homúnculo. O humano cai em desgraça quando deseja.

A vida, o que seria o dom de criação divina, agora, seria concebida nas combinações das porções alquímicas.

Fausto deseja o lugar de Deus, mas é, sobretudo, a epopeia da tragédia do desenvolvimento.

A modernidade não resolveu a equação da nossa paternidade mítica. O progresso envolveu Adão no manto rígido e ferrífero, mas as dimensões ontológicas do ser comungavam na zona caótica. A humanidade, filha do Adão moderno, é um corpo caído nas desvairadas emoções. Estava só, órfão do pai criador. A solidão e angústia, enquanto entidades habitantes de nós, empurram-nos para os Saaras da alma. A queda moderna nos levou ao infinito cósmico do universo e de si.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*